



Ministério da Educação revela que o número de matrículas na rede pública está diminuindo

Ensino do 2º grau virou sanduíche

O ensino do 2º grau, no Brasil, transformou-se num verdadeiro "sanduíche", uma espécie de salade-espuma para o ensino superior, encravado, de um lado, pelos apelos e aspirações históricas de alfabetização e educação básica e, por outro, por uma desenfreada busca de diplomas e títulos de ensino superior.

A avaliação é do professor Célio Cunha, ex-secretário adjunto do Ensino do 2º grau, do MEC e atual secretário do Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras, que num trabalho sobre o desempenho do 2º grau, no país, concluiu que seu problema não é apenas qualitativo, mas também quantitativo.

Isso implica em dizer que de 1980 a 1985 a evolução de matrículas no ensino do 2º grau cresceu apenas 2%, sendo que de 80 a 81 ficou praticamente estacionária. E já que não existem levantamento recentes sobre o desempenho do 2º grau em 1986, o então secretário da SESG alertava para a tendência de queda de matrícula nas instituições públicas e aumento nas particulares, podendo atingir mais de 50% nas particulares. "Uma estatística preocupante", segundo ele, "uma vez que a maior parte da clientela em potencial para o ensino do 2º grau pertence a segmentos sociais de baixa renda".

Isso, conforme o professor Célio, sem levar em consideração o fa-

to de que 53,09% de estudantes matriculados no ensino do 2º grau frequentavam cursos noturnos, onde o índice de evasão já é de 30% a 40%, atualmente.

Além disso, conforme dados apresentados pelo professor Célio Cunha, a questão da evasão deveria ser levada em consideração e exigir um estudo mais profundo do ensino do 2º grau, visto que apenas 15% dos alunos inicialmente matriculados chegam a concluir o curso. Como a oferta de vagas é da ordem de 3 milhões (para uma demanda de 13 a 14 milhões de adolescentes), o ensino do 2º grau forma apenas 580 mil jovens. Segundo Célio este número se aproxima muito do total de vagas anualmente oferecidas pelo sistema universitário brasileiro: 440 mil, significando que "se não houvesse demanda represada do vestibular, quase 80% dos concluintes do ensino do 2º grau poderiam, em tese, ter acesso à universidade".

"Em outras palavras — diz Célio Cunha — as políticas educacionais dos últimos anos ou décadas tornaram ainda mais críticos os impasses históricos do 2º grau, reduzindo-o a uma condição mediocremente preparatória, onde até mesmo o número de concluintes se aproxima do de vagas no superior".

O Brasil no mundo
Conforme dados citados pelo

ex-secretário adjunto do SESG e obtidos junto à Unesco, no que se refere ao percentual de matrícula no 2º grau, em relação às matrículas no ensino do 1º grau, o Brasil apresentava, no início da década, um índice de 11,90% acima apenas de El Salvador. Nesse período, a taxa média para a América do Sul era de 33,97%. Dessa forma, diz Célio Cunha, para o Brasil atingir o ponto médio da América do Sul, precisava ter 9,1% milhões de alunos matriculados no 2º grau, número quase 3 vezes superior ao existente.

A Unesco evidenciou o atraso brasileiro em matéria de educação ao constatar que o Brasil, na época analisada, apresentava o insignificante índice de 2,26% de matrícula no ensino de 2º grau, acima apenas de El Salvador, Guatemala e Haiti. Enquanto isso, na Argentina o índice de matrícula da ordem de 4,86%; Peru 6,77%; Venezuela 6,18%; Cuba 10,41% e México 7,49%.

Para o professor Célio Cunha, um dos fatores negativos que mais tem prejudicado a educação e o ensino do 2º grau no País refere-se "à ausência de uma marca própria para este ensino, que mesmo considerando a sua função de preparatório para estudos superiores, venha a criar um espaço próprio".